

Da imagem criadora bachelardiana à educação imaginativa: notas preliminares

Ana Laudelina Ferreira Gomes¹

Gaston Bachelard “não cessa de denunciar as racionalizações e os processos criativos que alteram a profundidade, a riqueza e espontaneidade da vida das imagens” (WUENENBURGER, 2005, p.43). O filósofo da imaginação refere-se a uma noção de imagem que é criadora, com a qual é possível se pensar numa educação imaginativa. Por isso, é importante apresentarmos a noção de imagem criadora a partir da obra estética de Gaston Bachelard. Ela não se reduz à visualidade, inclui o linguístico, assim como outras faculdades sensórias, a olfativa, a palatal, a auditiva e a tátil. Aqui a entendemos como instância mediadora entre as dimensões sensível e intelectual. É importante destacar que para ser imagem deve conter indícios de sua filiação (imagem de algo ou de alguém), manter um afastamento e subsistir como imagem (não é espelho, não é mimetismo, não é realismo). “Deve fazer com que acreditemos em sua aparência sem iludir demais para tomarmos consciência da realidade em jogo” (WUNENBURGER; ARAÚJO, 2006). Ou seja, temos que continuar cientes de que se trata de uma imagem e não da coisa da qual ela é uma espécie de duplo.

Posto isso, partimos da noção de imagem para o filósofo da imaginação Gaston Bachelard na parte de sua obra dedicada à via onírica.²

Em seu livro “O materialismo racional”, Gaston Bachelard (1990a) vai nos trazer a ideia de uma antropologia completa, a partir da noção do “homem das vinte e quatro horas”, homem simultaneamente da razão e da imaginação.³

O homem das vinte e quatro horas é aquele que se deixa educar indistintamente pelas duas vias. É o homem que pensa e imagina.

Tanto em epistemologia quanto em estética, a filosofia de Gaston Bachelard rompe com

¹ Professora Titular aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/Brasil), onde integra o quadro de docentes colaboradores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Natal – RN. analaudelina@uol.com.br

² Bachelard leva em conta duas vias para o conhecimento, a onírica e a intelectual, e seu pensamento se debruça com uma obra nas duas vias (epistemológica e estética ou poética).

³ GOMES, A. L. F. A educação do homem das 24 horas. In: GOMES, A. L. F.; BRITO, S. B. (orgs.). *Festins de seda: o festival mythos-logos do imaginário e outras inventices de inspiração bachelardiana*. Natal: EDUFRN, 2016, p.263-271.

o domínio da percepção (positivismo) e com o imediato (realismo)⁴.

Em linhas gerais, a obra bachelardiana admite que o fenômeno não é dado, mas é criação do pensamento, e reconhece que não somente as artes, mas a ciência também é inventiva e criadora.

O homem das vinte e quatro horas, enquanto categoria de pensamento, cumpre a importante tarefa de possibilitar a reflexão sobre aproximações e afastamentos entre as duas vias para o conhecimento (a via onírica e a via intelectual). Possibilita destacar o caráter fundante da imaginação criadora nas duas vias.

Em ambas as vias, Bachelard mostrou a descontinuidade temporal do conhecimento, e a primazia do instante, a partir do qual todos os começos são atos de criação, atos de novidade. Nesse sentido, a História das Ciências seria, entre erros e acertos, um ritmo e não uma continuidade cumulativa.

O instante criativo não está no fio do tempo, mas no jorro do pensamento, e a duração não age como causa, mas acontece a posterior, como modo da consciência conectar os instantes em algum encadeamento possível.

Quando ainda preocupado com a "psicanálise do espírito objetivo" em ciência, Bachelard advertia que a imaginação criadora está na base de nossas filias as quais levam a convicções subjetivas. Essa constatação fica muito clara numa passagem de seu livro "A psicanálise do fogo", onde ele diz: antes de ser filho da natureza, o fogo é filho do homem. Com isso, ele também nos traz a dimensão cultural da ciência, como construção do pensamento, como racionalismo aplicado.⁵

A imaginação criadora é entendida como força de produção psíquica, mas tem uma base não só cultural, mas também cósmica. Essa cosmicidade da imaginação, assim como do imaginário, é possível ser observada principalmente nas obras bachelardianas voltadas para a "imaginação material dos elementos", a água, o ar, a terra e o fogo (BACHELARD, 1994a, 1991, 1990c, 1990b, 1989a).

Onde o pensador chega ao entendimento de que nós somos criados por nossos sonhos e

⁴ Elyana Barbosa (1996) nos ajuda a compreender o contexto histórico dessa ruptura e como ela se dá.

⁵ Em sua obra "Racionalismo aplicado" é onde podemos observar essa visão de ciência de modo mais sistemático e demonstrativo (BACHELARD, 1978).

pela mesma matéria de nossos sonhos. É quando compreende que a imaginação criadora é o suporte da razão e estabelece o trânsito entre o sensível e o inteligível.

É quando chegamos à noção bachelardiana de imagem. A imagem para Bachelard não é concebida como objeto/coisa/simulacro. Sua existência depende também do movimento do psiquismo criador, tanto da parte do sujeito que cria como da parte do fruidor da criação. A imagem bachelardiana é uma função da imaginação criadora em sua capacidade de criar mundos absolutamente novos. Ela traz um sentido inaugural.

Por isso, a leitura imaginativa de imagens, como costumamos chamar a abordagem de leitura bachelardiana, depende de um método sem pretensões objetivantes, sem no entanto recair no mero subjetivismo, pois há o que ele designa por transubjetividade da imagem, que consiste na capacidade de comunicação da imagem entre criador e fruidor/leitor, e entre leitores (BACHELARD, 1996)⁶.

Essa questão aparece especialmente na segunda fase da filosofia poética bachelardiana, caracterizada por ele mesmo como fenomenologia da imaginação.

Nessa fase fenomenológica, ele deixa de lado suas pretensões iniciais da primeira fase (da imaginação dos elementos materiais), ou seja, ele deixa de buscar o enraizamento arquetípico das imagens nos arquétipos materiais do inconsciente coletivo⁷.

Em sua fenomenologia da imaginação desenvolve a noção de "devaneio poético", entendido como estado de alma em *ânima*, apresentando uma distinção deste em relação ao devaneio comum, e mostrando o modo como o devaneio poético opera no criador e no fruidor (BACHELARD, 1988). De acordo com Wunenburger e Araújo (2006), o devaneio poético bachelardiano designa um poder figurativo da imaginação que excede o mundo sensível⁸.

Em "A poética do espaço", segundo livro de sua fase fenomenológica, Bachelard afirma

⁶ Aqui estamos tomando a noção de leitura de um modo bem amplo, não restrita ao linguístico, mas abarcando o visual e as outras dimensões sensoriais através das quais a imagem pode se manifestar.

⁷ A noção de arquétipo, Bachelard toma de empréstimo a Carl Jung mas lhe dá interpretação diferenciada a partir de diálogos que estabelece com Robert Desoille, os quais estão referidos em "A poética do devaneio", um dos livros da segunda fase de sua filosofia estética.

⁸ O estado de *ânima* é um estado de consciência repousada, embora todo o processo criador seja coordenado pela consciência. Por isso, não há submissão às servidões das dimensões biográfica, histórica e ou cultural, seja do poeta/artista ou do leitor, pois o devaneio poético é um devaneio cósmico. Essa não servidão já aparece na obra "Lautreamont", onde ele apresenta esse rompimento com a dimensão biográfica do escritor atendo-se à leitura de suas imagens literárias somente (BACHELARD, 1989b).

que a imagem é uma causa sem causa. E o que ajuda a explicitar essa não causalidade da imagem poética é justamente seu caráter metafísico instantâneo, sua novidade, sua capacidade de hierofania e atualização⁹.

Em "Fragmentos de uma poética do fogo", que é um livro incompleto, pois ele falece antes de publicá-lo, ele diz que a imagem é um acontecimento súbito do psiquismo (BACHELARD, 1990d). Então a compreensão de imagem poética na fase mais madura de sua filosofia estética é da ordem daquilo que inaugura mundos, da ordem daquilo que inventa e reinventa a partir de atualizações constantes.

Daí encontrarmos imagens que ele desenvolve, nesses livros da fase da fenomenologia da imaginação, ligadas ao espaço poético, como a imagem da casa onírica e a imagem da infância permanente. O espaço poético pode ser entendido como o espaço afetivo no interior das coisas, a imagem do espaço poético acessa essa dimensão afetiva.

Ao mesmo tempo que são arquétipos no sentido de forças psíquicas motoras e forças cósmicas, eles sofrem um engendramento de atualidade, digamos assim, um engendramento de novidade, que acontece tanto no ato de criação como de fruição. Por isso a memória para Bachelard é uma memória sempre presentificada, atualizada, a qual ele denomina por "memória imaginação" ou "memória sonho" (BACHELARD, 1996). Ela não está reduzida a lembranças factuais, mas é uma espécie de lembrança de um pover, de uma vontade em devir.

Na fase da imaginação dos elementos ele já trazia a vontade, mas lá a ênfase é na vontade de trabalho, na ação do psiquismo imaginante sobre as matérias e destas sob o psiquismo do criador.

Na fase da fenomenologia da imaginação, já é uma vontade de pover, que não tem mais a ver com uma vontade de trabalho sobre os elementos materiais sonhados. Eu diria que ainda continua sendo um imaginário material, concreto, pois não se trata de um imaginário abstrato, formal.

Ainda há movimento e corpo a corpo nesse processo de devaneio poético, só que agora o corpo a corpo não é com as matérias, mas com o repouso e a intimidade (BACHELARD, 1988). Ele move com a unidualidade tempo-espaço (espaço poético), com a linguagem como reino

⁹ O que já se encontrava no ensaio "Instante poético e instante metafísico" (BACHELARD, 1994b) e que uma compreensão mais ampla é apresentada no livro "A intuição do instante" (BACHELARD, 19?).

próprio, plástico, não submetido às servidões da significação (BACHELARD, 1990d).

Sem o espaço não teríamos como pensar o tempo enquanto duração, por isso eles fazem parte de uma unidualidade. A memória é a maior demonstração disso. Onde está nossa memória senão nas coisas e sensibilidades que a ela nos remetem? Essas coisas e sensibilidades são os espaços poéticos (BACHELARD, 1988).

O cogito do sonhador, que ele trata num capítulo do livro "A poética do devaneio" é um cogito corporificado e essa corporificação na imagem se dá pela imaginação criadora.

Voltamos ao homem dessa antropologia completa bachelardiana, homem da via intelectual e da via oníria ao mesmo tempo. Um homem que ao ser provocado pelo mundo (matérias, estado de alma repousado, espaço onírico, linguagem) age sobre ele para transformá-lo e transformar-se a si mesmo.

A imaginação criadora é essa capacidade de sobrehumanidade como Bachelard diz, e a imagem poética é essa a via de acesso a essa imaginação ou à vida imaginativa.

A imagem é, portanto, espécie de portal onde se pode acessar a possibilidade de imaginar, imaginar de corpo e espírito, pois não parece haver essa dualidade no bachelardismo.

Então, o estatuto da imagem poética para Bachelard é fazer-nos imaginar. A imagem deve levar-nos a imaginar. Se isso não acontece não estamos mais no domínio da imagem, mas do simulacro, da ilustração, do mimetismo, da reprodução, do realismo.

Cabe lembrar a crítica de Gilbert Durand (1993, 2004, 2013) ao iconoclasmo ocidental. Ele disse que a imaginação ao longo da filosofia e da história cultural ocidental foi perdendo espaço e lugar. A imaginação foi se tornando a "louca da casa" ou foi sendo reduzida a espaços muito específicos, como o espaço das artes, e o espaço religioso do cristianismo (exemplificado no Barroco). Isso tem em contraponto a ascensão do domínio da sociedade técnico-científica, mas dentro de uma perspectiva positivista e realista de ciência, que depura e afasta a imagem e a imaginação.

Então, voltando a Bachelard, ele restaura essa dimensão imaginativa, nas duas vias, intelectual e poética. De formas diferentes, mas ele restaura essa imaginação criadora que foi solapada na história ocidental, e em ambas as vias mostram o poder das imagens em fazer imaginar.

Por isso que o projeto de psicanálise do espírito objetivo no campo da ciência traz essa

compreensão de que a ciência é também imaginária, isso vemos especialmente na reflexão bachelardiana sobre a ciência como fenomenotecnia (BACHELARD, 1978). Onde as imagens entram como potenciais elementos de turbulência, pois ao nos fazerem imaginar trariam interferência de convicções subjetivas para dentro do conhecimento científico, mesmo dentro do parâmetro bachelardiano de conhecimento aproximado sujeito constantemente a novas retificações.

Já a imagem na via poética não está sujeita a compromisso de cientificidade algum e nem pode ser lida usando o conceito como ferramenta, pois ela não está ocupando o lugar de algo, ela é o acesso possível a forças imaginativas.

Pensando de um modo geral, como seria educar tendo por base a noção de imagem imaginativa bachelardiana?

Educar por imagens seria possibilitar/permitir uma formação onírica dos sujeitos, em moldes parecidos ao que concebemos como formação científica (WUNENBURGER, 2012, 2016).

Jean-Jacques Wunenburger (2005, 2018) fala sobre o que seria essa formação onírica, aludindo ao contato mais estreito com a natureza, à boa arte e literatura, à fruição artística, ao trabalho artesanal usando a manualidade, entre outros.

Então o educar por imagens exige uma "ecologia onírica", como formula Victor Hugo Guimarães Rodrigues (2013), e reitera Ana Laudelina F. Gomes (2013), exige um estudo e desenvolvimento de nossa "casa onírica", espaço simbólico onde gostaríamos de viver no mundo, casa cosmo (BACHELARD, 1996). Exige uma educação estética onírica (RODRIGUES, 2013; GOMES, 2013). Exige um efetivo "direito de sonhar"¹⁰. Batista (2020) fala numa educação imaginária e "compreende o educador como um mediador que orienta uma leitura espontânea das imagens poéticas, evitando o didatismo que coíbe o potencial criador" (p.24).

Voltando a G. Durand (1993) e a sua crítica à civilização iconoclasta, ele afirma que há um paradoxo na sociedade atual onde, ao mesmo tempo que reprimimos o poder imaginativo da imagem, somos por ela tentados constantemente.

Bruno Duborguel (1995), em seus estudos sobre essa repressão do poder imaginativo das imagens, no ambiente escolar e na educação em geral, acaba por formular condições teóricas de

¹⁰ Alusão ao livro póstumo de Bachelard "O direito de sonhar" (BACHELARD, 1994b).

um "novo espírito pedagógico, possível de engendrar e de englobar uma eficaz educação do ser imaginativo" (p.17).

O pressuposto bachelardiano, que parece que Duborgel segue, é que só pensamos se imaginamos, se não conseguimos imaginar não conseguimos pensar. Sendo as imagens o portal para a vida imaginativa, elas são também a possibilidade do pensamento.

Concluindo, a teoria bachelardiana, tomada em suas vias epistemológica e poética, dá conta de formular duas pedagogias: uma pedagogia da razão e uma pedagogia da imaginação (BULCÃO; BARBOSA, 2011; GOMES, 2013; RODRIGUES, 2013; WUNENBURGER, 2012, 2016).

Pela pedagogia da razão é a razão que nos educa. Pela pedagogia da imaginação somos educados pela imaginação. E educar pela imaginação implica em falarmos em educação por imagens, nesse sentido de portal para a vida imaginativa e, conseqüentemente, possibilitadora do pensamento.

Referências

ARAÚJO, A. F.; ARAÚJO, J. M.; CHAVES, I. M. Da "pedagogia do não" e do "cogito" do sonhador, em Gaston Bachelard: pensando na educação para a imaginação. *Educação em Revista*. v.36. Belo Horizonte. 2020. p.1-16, DOI: [HTTPS://doi.org/10.1590/0102-4698231060](https://doi.org/10.1590/0102-4698231060). Acesso em: 05 out. 2020.

BACHELARD, G. *Racionalismo aplicado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BACHELARD, G. *A poética do devaneio*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, G. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989a.

BACHELARD, G. *Lautréamont*. Trad. Maria Isabel Braga. Lisboa: Litoral Edições, 1989b.

BACHELARD, G. *O materialismo racional*. Lisboa: Edições 70, 1990a.

BACHELARD, G. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1990b.

BACHELARD, G. *A terra e os devaneios do repouso: ensaios sobre as imagens da intimidade*. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990c.

BACHELARD, G. *Fragmentos de uma poética do fogo*. In: BACHELARD, S. (org.) (not.). Trad. Norma Telles. São Paulo: Brasiliense, 1990d.

BACHELARD, G. *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BACHELARD, G. *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1994a.

BACHELARD, G. Instante poético, instante metafísico. In: BACHELARD, G. *O direito de sonhar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994b. p. 183-189.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Trad. Antônio de Pádua Danesi São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BACHELARD, G. *La intuición del instante*. Buenos Aires: Siglo Veinte, [19?].

BARBOSA, E. *Gaston Bachelard: o arauto da pós-modernidade*. Salvador: EDUFBA, 1996.

BATISTA, O. Diálogo com imagens no contexto do ensino. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*, Canoas, v.25, n.2 p.19-28, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.18316/recc.v25i2.6587>. Disponível em: <http://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao>. Acesso em: 15 de Janeiro de 2021.

BULCÃO, M.; BARBOSA, E. *Pedagogia da razão, pedagogia da imaginação*. Petrópolis: Vozes, 2011.

DUBORGEL, B. *Imaginário e pedagogia*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

DURAND, G. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70, 1993.

DURAND, G. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

DURAND, G. A exploração do imaginário. In: TEIXEIRA, M. C. S.; ARAÚJO, A. F. (orgs.). *Gilbert Durand: imaginário e educação*. Niterói: Intertexto, 2013, p.95-116.

GOMES, A. L. F. Educação por imagens. In: GOMES, A. L. F. (org.). *A flor e a letra: poéticas e lições de imagens*. Natal: EDUFRN, 2013, p.191-202.

RODRIGUES, V. H. G. A experiência aprendiz das imagens. In: GOMES, A. L. F. (org.). *A flor e a letra: poéticas e lições de imagens*. Natal: EDUFRN, 2013, p.171-190.

WUNENBURGER, J.-J. Imaginário e racionalidade: uma teoria da criatividade geral. In: BULCÃO, M. (org.). *Bachelard: razão e imaginação*. Trad. Constança Marcondes César. Feira de Santana: Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Filosofia/Universidade Estadual de Feira de

Santana, 2005, p.39-53.

WUNENBURGER, J.-J. Education aux images. In: WUNENBURGER, J.-J. *Gaston Bachelard, poetique des images*. Paris: Mimesis, 2012, p. 207-217 (Collection L'oiseletl'espirit, n.11).

WUNENBURGER, J.-J. Ética e estética em Gaston Bachelard. In: SANT'ANNA, C. (org.) *Gaston Bachelard: mestre na arte de criar pensar viver*. Salvador: EDUFBA, 2016, p.59-68.

WUNENBURGER, J.-J. Bachelard, etat des lieux 55 ans apres as mort. *Revista Inter-Legere*, Natal, PPGCS/UFRN, v.1, n.22, p.06-17, Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/15291>. Acesso em: 09 ago. 2018.

WUNENBURGER, J.-J.; ARAÚJO, A. F. *Educação e imaginário: introdução a uma filosofia do imaginário educacional*. São Paulo: Cortez, 2006.